

## 35. Essa doença é séria, não é para brincar

Nilo Martiniano

Boa tarde, eu sou Nilo Martiniano, da etnia Palikur-Arukwayene, funcionário da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), morando na cidade do Oiapoque há quase 10 anos. O povo Palikur é um povo que já enfrentou grandes problemas durante muito tempo atrás, com algumas doenças altamente contagiosas e sua disseminação dentro das comunidades e aldeias menores. Na época era o Pajé, como também o Cacique (Capitão), que organizavam tudo e tomavam as decisões sobre qualquer situação que poderia trazer danos à saúde da população. Eram eles que ordenavam se podia ou não o isolamento das pessoas acometidas por certas doenças contagiosas. Talvez, por causa disso, o povo prevaleceu até os dias de hoje.

Quando os Palikur enfrentavam grandes pandemias de doenças contagiosas, os líderes de grupos familiares podiam tomar as suas próprias decisões de isolamento social das pessoas com suspeita desse tipo de doença contagiosa, sendo que essa pessoa era membro do grupo. Esse grupo podia isolar a vítima em outro local afastado. E se essa pessoa fosse adulta e tivesse companheiro (a) – e a sua situação de saúde não fosse grave –, essa pessoa ficava de quarentena com o seu parceiro em local separado até o tempo em que estivessem curados, o que era confirmado pelos anciões, que diziam se essas pessoas estavam sãs.

Quando acontecia a chegada de uma enfermidade de alto contágio as próprias famílias se afastavam de suas casas, indo para os seus *carbês*, onde passavam meses, até que as doenças se afastassem. Alguns casais se afastavam, indo morar nas pedras por alguns meses, e o contato com as outras pessoas era restrito a obter informações das situações de outros familiares e parentes, afim de saber se doença já havia passado ou não. Nessa época as doenças em que se fazia isolamento das pessoas eram coqueluche, sarampo, tuberculose e cólera.

Hoje tem a COVID-19, nova doença que surgiu e que está fazendo muitas vítimas. Ela causou preocupação à minha pessoa em relação aos meus parentes, aos meus filhos, aos meus netos. Logo quando essa notícia começou a espalhar eu nunca pensei que iria chegar aqui. A gente via, assistia o jornal, a gente via o pessoal usando máscara, e eu nunca pensei que chegaria a usar esse tipo de máscara também, nunca! Mas não foi bem como eu pensava,

e em alguns meses, bem poucos, essa doença se alastrou e chegou aqui no Oiapoque e nas aldeias, o que me preocupou bastante, mas eu sempre peço a proteção de Deus e deixo tudo nas mãos de Deus.

Pensando na minha família e nos meus parentes Palikur, a gente sabe que eles sabem usar remédios caseiros. Quando essa doença chegou o pessoal fez vários tipos de orientação, mas, infelizmente, hoje os indígenas também consomem outros produtos, eles têm que comprar sal, café, leite. Então, quando esses produtos acabaram lá na aldeia, eles tiveram que vir na cidade, mesmo procurando evitar ao máximo. Na cidade não souberam se prevenir e acabaram pegando essa doença e levaram para lá, para a aldeia. Depois que descobriram isso, começaram a fazer remédios que eles conhecem, e teve a orientação dos outros não indígenas também, e está dando certo, mesmo que eles tenham sofrido com a doença, por ela ser muito forte, mas a maioria está escapando.

Ontem, dia 15 de junho, pela parte da tarde, às dezoito horas, faleceu uma senhora de 70 anos, que mora em uma ilha perto da Aldeia Kumenê. As pessoas lá da aldeia estavam achando que essa senhora faleceu por não ter ajuda de outras pessoas para fazer remédios para ela, apesar dela ter o esposo mas, talvez, os dois adoeceram, porque moravam só os dois.

Os primeiros que pegaram essa gripe passaram ruim, quase que morrem, mas as pessoas que pegaram depois só sentiam febre uma noite e, no segundo dia, já é mais leve, no terceiro dia já não dá mais febre e basta só repouso. Mas as pessoas que não souberem respeitar, não souberem prevenir-se para essa doença, essas pegaram muito forte mesmo. Essa doença é séria, não é para brincar, e o que temos a fazer é continuar avisando e conscientizando as pessoas para continuar usando máscaras, lavando sempre as mãos com sabão e depois álcool, tanto na cidade quanto na aldeia, porque a pessoa não estará evitando a doença só para ela, e sim evitando para várias outras pessoas também, e por isso é muito importante seguir as orientações que diversas organizações mandam a gente seguir.

Oiapoque, Amapá, Brasil

14 de junho de 2020

Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza